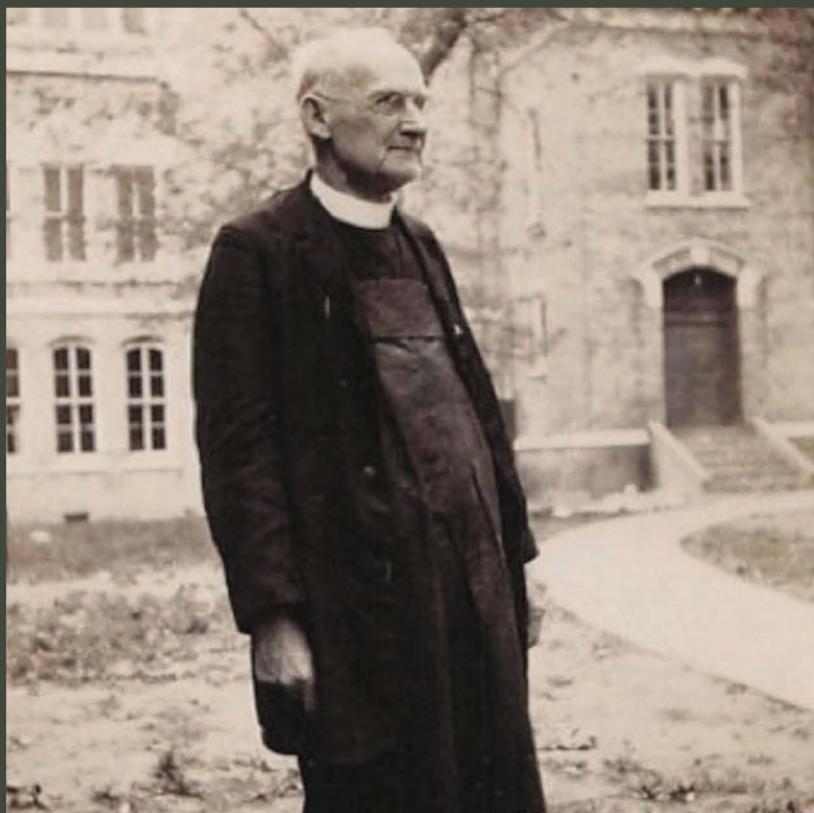


IRMÃO
COLUMBA O'NEILL, C.S.C.

O HOMEM DOS MILAGRES
DE NOTRE DAME



© 2021. Congregação de Santa Cruz. Administração Geral.
Todos os direitos reservados.

Os membros, jurisdições, apostolados e ministérios da Congregação de Santa Cruz dispõem da liberdade para reproduzir, distribuir ou transmitir este livro, integral ou parcialmente, de qualquer forma e por quaisquer meios, com fins de evangelização, educação e formação.

Irmão Columba O'Neill, C.S.C.

O homem dos milagres
de Notre Dame

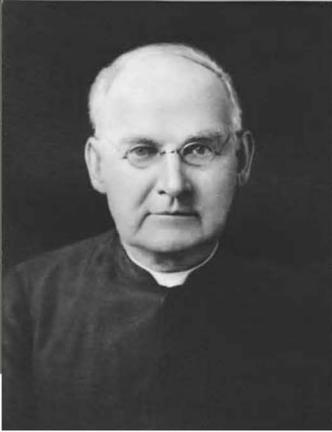


Irmão Philip Smith, C.S.C.
Edwin Donnelly, C.S.C.

*Congregação de Santa Cruz
Administração Geral
Roma, Itália*

SUMÁRIO

Infância e Juventude	1
Caminhada Vocacional	5
Primeiros anos em Santa Cruz	9
Primeiras Curas	11
Devoção ao Sagrado Coração	12
Histórias de Curas	15
Uma Morte Comovente	18
Homens Milagrosos de Santa Cruz	23



Irmão Columba (John)
O'Neill, C.S.C. - 1915

O Homem Milagroso de Notre Dame—é como Irmão Columba (John) O'Neill, C.S.C. era conhecido mesmo antes de sua morte. A notícia das intervenções e curas milagrosas atribuídas à sua oração e intercessão por meio do Sagrado Coração de Jesus se espalhou do campus da Universidade de Notre Dame, no norte de Indiana, até vários países europeus

e Austrália. Deus estava trabalhando Sua graça de cura através desse homem. Como é que esse humilde Irmão de Santa Cruz, que trabalhava principalmente como sapateiro, veio a ser conhecido como o Homem Milagroso de Notre Dame?

Infância e Juventude

John O'Neill nasceu em 5 de novembro de 1848, filho dos pais Michael e Ellen, em Mackeysburg, Pensilvânia. Ele tinha uma anormalidade congênita no pé e não se esperava que sobrevivesse, então recebeu um batismo de emergência dois dias depois. Para a surpresa da família O'Neill e de seus amigos, John viveu por 75 anos.

Imigrantes nos Estados Unidos da cidade irlandesa de Kilkenny, Michael e Ellen tiveram um total de seis filhos. Nem Michael nem Ellen foram formalmente educados, mas eram católicos fiéis e criaram seus filhos na fé.

John cresceu especialmente perto de sua mãe. Enquanto seu pai trabalhava longas horas nas entranhas da terra minerando carvão, John passava a maior parte de cada dia sob os cuidados de sua mãe, enquanto ela pacientemente o ensinava a andar com seus pés malformados. É uma prova do amor de sua mãe e da determinação de John que ele eventualmente desenvolveu a capacidade de andar com relativa elegância.

Em meados do século 19, Mackeysburg era um epicentro da pedreira da Pensilvânia. Ele próprio um mineiro de carvão, Michael aproveitou a oportunidade para instruir seus filhos no ofício de mineração de carvão. Esperava-se que os homens da casa dos O'Neill trabalhassem nas minas de carvão com seu pai, que era, nas palavras de John, “tão rigoroso quanto as chamas” e era conhecido por chicotear seus filhos “por cada pequena coisa.”

John estava determinado a ser como os outros homens da família e trabalhar nas minas de carvão, mesmo que isso significasse lidar com a dor real que tal trabalho lhe causaria.

Apesar de seus melhores esforços, John não conseguia empunhar a picareta, que era um símbolo de masculinidade entre as famílias operárias nas cidades mineiras da Pensilvânia do século 19. Ele tentou extrair ardósia do carvão para trazer para casa um salário semanal de US\$ 1,50, mas suas limitações físicas o impediram de realizar até mesmo essa tarefa.

Não poder trabalhar nas minas era uma fonte de grande vergonha para John. Foi o ápice de inúmeras humilhações que John suportou durante sua juventude, tanto em casa, de seu pai austero, quanto na escola, de seus colegas de classe, por conta de sua fragilidade. Ele aprendeu a enfrentar o sofrimento e a rejeição. Ainda assim, John nunca deixou que isso o derrotasse. Em vez disso, assim como o apóstolo São Paulo, ele veio a aprender: “Minha graça é suficiente para você, pois o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12:9).

Michael e Ellen estavam sem esperanças sobre como seu quinto filho poderia ganhar a vida. Embora fosse evidente, desde jovem, que John era determinado, espirituoso, fiel e humilde, não estava claro como um homem iletrado, com menos recursos do que a média, poderia sobreviver em uma cidade mineradora, se não fosse pelo trabalho manual que sustentava a economia local. Curiosamente, dado que seus pés eram a fonte da

maioria de suas limitações físicas e, portanto, das humilhações que ele sofreu, John desenvolveu um interesse em fabricação de calçados e buscou a tutela do sapateiro da aldeia. Essa foi a graça de Deus trabalhando através da humildade de John. Ao admitir sua inaptidão para as minas e permitir que uma porta se fechasse, John descobriu uma paixão ao trabalhar com sapatos. John não tinha ideia de que o simples trabalho de um sapateiro seria a porta na qual Deus faria grandes coisas através dele.

Como aprendiz de sapateiro durante a década de 1860, John teve que enfrentar não apenas suas lutas pessoais, mas também as lutas de sua nação. A Guerra Civil estourou, com a Batalha de Fort Sumter, em 12 de abril de 1861. Embora as notícias viajassem lentamente naqueles dias, a notícia do derramamento de sangue e um chamado às armas logo chegaram à pequena cidade mineira de O'Neill. Os mineiros de Mackeysburg foram rápidos em fornecer tropas para a batalha, e isso pressionou o sapateiro da vila e seu aprendiz a produzirem uma abundância de sapatos novos e resistentes.

Em meio às provações de seu país, da sua cidade e o fechamento definitivo da loja de sapateiros da vila, John, com apenas quatorze anos de idade, começou a sentir um

chamado especial para servir a Deus na vida religiosa. Mas, ao mesmo tempo, John precisava de trabalho, então, em 1862, ele partiu de Mackeysburg, com suas ferramentas de sapateiro em mãos, em busca de oportunidades de emprego. O que começou como uma simples busca por trabalho, lentamente se transformou em uma grande jornada que, eventualmente, levaria John não apenas a chegar à Costa Oeste dos Estados Unidos, mas também a descobrir sua verdadeira vocação.

Caminhada Vocacional

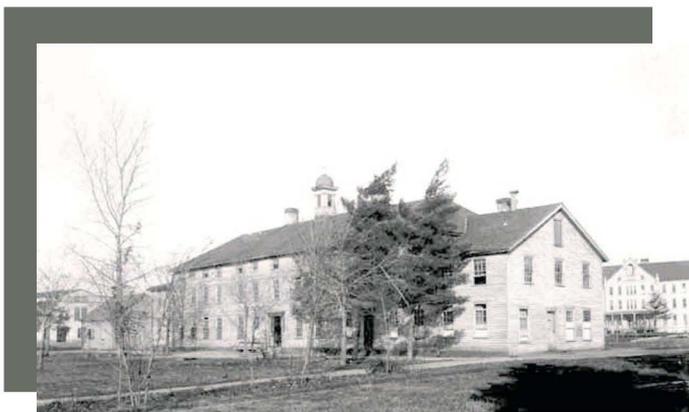
Por meio de suas viagens e trabalhos na adolescência e no início de seus vinte anos, o senso de John de um chamado para a vida religiosa se aprofundou. Ele passou os primeiros dias de sua jornada na Pensilvânia trabalhando para paróquias, onde permaneceria enquanto seus serviços fossem necessários. Esse trabalho itinerante, que, sem dúvida, foi uma causa de mais sofrimento por conta de sua condição no pé, provou ser bem-sucedido. A demanda por sapateiros viajantes era alta naquela época, quando o vizinho mais próximo poderia estar a vários quilômetros de distância. O trabalho de John nas paróquias locais também lhe proporcionou uma oportunidade muito desejada para orações privadas diante do Santíssimo Sacramento.

Por volta de 1869, com pouco mais de 20 anos, John vagou “guiado”, ele acreditava, “pela direção da Santíssima Virgem”, para fora da Pensilvânia e para o Oeste. Após uma parada inicial em St. Louis, Missouri, ele continuou para o Colorado, onde encontrou bastante trabalho.

Enquanto estava em Denver, John assistia à missa diária das 6 horas da manhã antes de ir trabalhar. Refletindo sobre os dias nas Montanhas Rochosas, John diria mais tarde: “Naqueles dias, alguém que ia à missa todos os dias era considerado muito piedoso. Eu era o único leigo que você poderia encontrar na igreja.” Embora fosse raro para um indivíduo receber comunhão frequente, e muito menos diária, na década de 1860, para John, essa era uma parte vital do seu dia. Aos domingos, quando descansava de uma longa semana de trabalho, o jovem sapateiro sentava-se por horas rezando em uma igreja. Seu relacionamento pessoal com o Senhor estava se aprofundando ao longo do caminho, seus ouvidos se afinando para ouvir mais claramente Sua voz.

Após sua estadia em Denver, John partiu para a Califórnia entre os anos de 1870 e 1873. Revelando sua resiliência e determinação, John fez essa jornada principalmente a pé, parando ao longo do caminho para São Francisco para praticar seu ofício e, assim, cobrir suas despesas.

Tendo continuado a experimentar os movimentos de uma vocação para a vida religiosa em sua oração, John procurou se juntar aos franciscanos na Califórnia, mas não foi admitido na ordem por causa de sua condição no pé. No entanto, assim como John foi rejeitado das fileiras dos mineiros de Mackeysburg e não foi dissuadido, ele também não foi desencorajado por essa mais recente rejeição. Permanecendo confiante no chamado que ouvira desde os 14 anos, John lembrou-se de ter aprendido sobre a Congregação da Santa Cruz por meio de outro sapateiro viajante, Johnnie O'Brien, que conheceu a Santa Cruz durante seu tempo como aprendiz na oficina de calçados da Escola de Trabalho Manual, em Notre Dame, Indiana.



Escola de Trabalho Manual
Notre Dame, Indiana

As histórias que John ouvira de Johnnie sobre os irmãos trabalhadores de Notre Dame ensinando ferraria, alfaiataria, carpintaria e muitos outros ofícios levaram John a considerar que talvez sua vocação envolvesse se juntar a esse “grande grupo de homens.”

Na época da morte de seu pai em Mackeysburg, 1873, John escreveu ao mestre de noviços de Notre Dame, Padre Augustin Louage, C.S.C., para perguntar mais sobre a comunidade. Não sabemos qual resposta John recebeu, se é que recebeu alguma, mas no ano seguinte, em 6 de julho, após providencialmente receber uma passagem de bonde, ele partiu de volta para o leste, para Notre Dame.

Em um quente e úmido 9 de julho de 1874, por volta das cinco horas da tarde, John foi recebido na portaria de Notre Dame pelo Irmão Francis Xavier Patois, C.S.C. Ir. Patois estava entre os primeiros sete religiosos de Santa Cruz a chegar na América em 1842. “Estou aqui para me encontrar com o Padre Louage”, anunciou. John se encontrou com o Pe. Louage e o Pe. Edward Sorin, C.S.C., fundador da Universidade de Notre Dame e superior geral da Congregação da Santa Cruz. O Pe. Sorin perguntou a John: “O que você pode fazer caso se torne um irmão?” O jovem respondeu: “Eu sou um sapateiro e um fabricante de sapatos.”

Naquele mesmo dia, John entrou na Santa Cruz como postulante dos irmãos.

Primeiros anos em Santa Cruz



Irmão O'Neill, C.S.C.
1876

John recebeu um assento na capela da comunidade, de onde podia olhar diretamente para uma estátua do Sagrado Coração de Jesus. O fundador da Congregação, o Beato Basil Anthony Marie Moreau, dedicou os Padres da Santa Cruz ao Sagrado Coração de Jesus. Mal sabia John que, nos próximos 50 anos, ele seria conhecido como um

devoto intercessor do Sagrado Coração por milhares de homens e mulheres sofredores. De fato, é por sua devoção ao Sagrado Coração que ele viria a ser conhecido como o Homem Milagroso de Notre Dame.

Em 1º de setembro, o Pe. Louage disse a John que ele havia sido formalmente aceito para o noviciado. O noviciado é o ano especial de formação exigido, pela Igreja, de todos aqueles que discernem a vida religiosa.

No final do período no noviciado, os noviços professam seus votos religiosos. Na festa da Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria, 8 de setembro, John entrou formalmente no noviciado, vestiu o hábito dos noviços e recebeu o nome de Columba. A perseverança que permitiu Santo Columba levar inúmeros homens e mulheres na Escócia a Cristo tornou-se um modelo para a vida religiosa do Irmão Columba. Com a força da fé de seus ancestrais e sua perseverança, o Irmão Columba era, nas palavras do Pe. Charles O'Donnell décadas depois - “um homem milagroso cortado de um tecido aparentemente não milagroso. Ele levaria milhares de indivíduos a experimentar intimamente o amor curador desses dois Corações: o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria.”

Em 15 de agosto de 1876, o Irmão Columba fez os Votos Perpétuos, professando os votos de pobreza, castidade e obediência, de acordo com as Constituições da Congregação de Santa Cruz. Revelando seu zelo apostólico e coração missionário, o Irmão Columba também escolheu professar o que era conhecido na Santa Cruz na época como o “quarto voto de missão”, pelo qual ele prometeu “ir a qualquer lugar do mundo que o superior geral quisesse me enviar.”

Ao professar os votos religiosos, o Irmão Columba realizou

o desejo que há muito despertava em seu coração de dar sua vida a serviço de Deus. Ele imediatamente se ofereceu para ir para a Índia ou para Molokai, onde poderia ajudar o Pe. Damien em seu trabalho entre os leprosos. Nesse zelo de servir nas missões estrangeiras, o Irmão Columba era certamente um espírito afim do Beato Basil Moreau, que, desde antes mesmo da fundação da Congregação, expressou o desejo de trabalho missionário. No entanto, como foi o caso do Pe. Moreau, que nunca serviu em missões fora da França, Deus tinha outros planos para o Irmão Columba e sobre como ele daria sua vida para fazê-lo conhecido, amado e servido.

Primeiras Curas

Em 13 de setembro de 1876, o Irmão Columba e dois outros irmãos foram designados para abrir um lar para órfãos, sob o patrocínio de São José, em Lafayette, Indiana. O local abrigava 60 meninos. Foi lá em Lafayette, que o extraordinário dom do Irmão Columba para a oração intercessória e cura começou a se manifestar. Ele começou a usar água de Lourdes, França, e a rezar com os meninos que estavam doentes. Alguns deles foram curados de suas doenças. Assim como Santo André Bessette atribuiu todas as curas por meio de São José, o Irmão Columba não tomou para si crédito a nenhuma cura.

Em vez disso, ele alegou que as curas eram o efeito da intercessão do Sagrado Coração de Jesus, através do Imaculado Coração de Maria.

O irmão Columba pediu para deixar seu trabalho no orfanato porque não havia mais necessidade de seu ofício. Como ele simplesmente escreveu ao seu superior religioso: “Os meninos já têm seus sapatos.” No verão de 1885, o irmão Columba retornou a Notre Dame e foi designado para a sapataria do campus, onde permaneceu até sua morte, em 20 de novembro de 1923.

Por um lado, não aconteceu muita coisa durante seus 38 anos em Notre Dame. Ele era um irmão que vivia uma vida simples, orando em silêncio e fazendo ou consertando sapatos. Ele raramente saía do campus da Universidade de Notre Dame, exceto para as visitas ocasionais à sua irmã Elizain Keokuk, em Iowa. Por outro lado, o ministério de cura do Ir. Columba se espalharia lentamente para muito além dos limites do campus de Notre Dame para o resto do mundo.

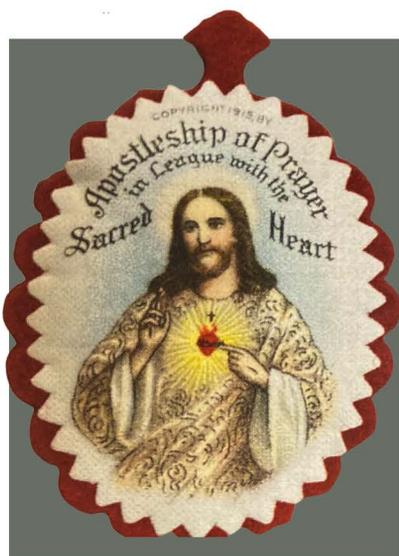
Devoção ao Sagrado Coração

No início da década de 1890, além de seu trabalho na sapataria do campus, o Irmão Columba assumiu a responsabilidade de zelador pessoal do Pe. Sorin. Essa atribuição durou de 1891 até a morte do Pe. Sorin, em 1893.

Durante esses anos, cuidou do Pe. Sorin nas sombras da Igreja do Sagrado Coração no campus de Notre Dame. A devoção do Irmão Columba ao Sagrado Coração de Jesus continuou a se aprofundar e a transformá-lo.

Em 1887, o Irmão Columba se juntou à Arquiconfraria do Sagrado e Imaculado Coração de Maria para a Conversão dos Pecadores. Então, em 14 de julho de 1892, ele recebeu seu certificado de admissão ao Apostolado da Oração da Santa Liga do Sagrado Coração de Jesus. O Irmão Columba prometeu que “ofereceria, pela manhã, as orações, ações e sofrimentos do dia pelas intenções do Sagrado Coração.”

O Irmão Columba levou sua devoção ao Imaculado Coração e ao Sagrado Coração tão a sério que durante aquele mesmo ano, enquanto ainda servia como cuidador pessoal do Pe. Sorin, ele começou a produzir e distribuir imagens do Imaculado Coração de Maria (aproximadamente 10.000 distintivos de papel) e do Sagrado Coração de Jesus (aproximadamente 30.000 distintivos de pano). Uma forma generalizada de piedade popular na época, os distintivos eram feitos para serem usados presos na roupa.



Normalmente, uma oração devocional era proferida enquanto o distintivo era preso e, depois, em outros momentos ao longo do dia. A produção e distribuição desses distintivos marcariam uma expansão decisiva no ministério de oração e cura do Irmão Columba.

Pouco depois da morte de Padre Sorin, em 31 de outubro de 1893, o Irmão Columba foi transferido por seus religiosos para retornar em tempo integral à sapataria. Essa transferência o liberou para estar presente de uma maneira mais intencional entre os alunos de Notre Dame. Não importa o quão longe as notícias e a fama se espalhassem além do campus sobre os poderes de cura de sua oração intercessória, o Irmão Columba sempre permaneceu fiel à sua obediência primária na sapataria

do campus. Lá, ele atendia os alunos, não apenas consertando seus sapatos, mas também oferecendo conselhos com sua refinada inteligência irlandesa e convidando-os a depositar sua esperança em Deus e, acima de tudo, no Sagrado Coração de Seu Filho Jesus.

Histórias de Curas

Histórias de curas no campus de Notre Dame começaram a se espalhar além da comunidade universitária e circularam por toda a América do Norte, México e até mesmo vários países europeus e Austrália. Mais e mais pessoas começaram a escrever para Irmão Columba e a visitar sua sapataria em Notre Dame. Ele escreveu milhares de cartas em resposta àqueles que lhe escreveram compartilhando seus sofrimentos físicos e solicitando orações e “favores” por meio de sua intercessão aos Corações de Jesus e Maria. Já em 1916, o Irmão Columba para várias cidades do Centro-Oeste em “viagens de cura”, e tais notícias de curas eram publicadas em jornais locais.

As duas histórias a seguir são emblemáticas das muitas histórias que sobrevivem sobre curas creditadas às orações do Irmão Columba. A primeira história foi registrada em uma carta de Jean P. (nascida Schwartz] Donohue, de 85 anos.

Ela sofria de poliomielite e visitou a loja de sapatos em 1918, quando tinha apenas quatro anos. Sua perna esquerda estava paralisada e encolhida. O veredito foi o mesmo de todos os especialistas: a cirurgia para “desamarrar” a perna significava que ela ficaria pendurada, sem forças, “e o pé nunca tocaria o chão.”

O pai de Jean soube do irmão Columba, que fazia sapatos especiais para pessoas com deficiências físicas na região. De acordo com Jean, seu pai também tinha ouvido falar que esse irmão da Santa Cruz tinha uma “devoção sobrenatural ao Sagrado Coração, e sabia-se que havia algumas curas. Então, viajamos para a oficina do irmão Columba atrás do Golden Dome. A sala tinha paredes cheias de muletas e aparelhos ortodônticos de pessoas que foram curadas depois que ele orou por elas. O irmão Columba deu um tapinha na minha cabeça e disse simplesmente: ‘a garotinha ficará bem.’”

Jean se lembra de que entrava no trem para a viagem de volta para Lansing, Michigan, quando “meu pai me levantou no assento [e] percebeu que minha perna não estava mais dobrada. Estava mais curta, mas pendia reta como a outra perna. Em menos de um ano, como o irmão havia dito, “a menina estava bem.” Jean viveu até os 93 anos.

A segunda história diz respeito a uma cura instantânea que ocorreu em junho de 1923, apenas cinco meses antes

da morte do irmão Columba. Irmã Lioba Holtz, O.S.B. estava morando no Priorado de St. Walburg em Covington, Kentucky De 1918 a junho de 1923, ela sofreu de frequentes crises de problemas cardíacos. Ela explicou que seus ataques eram tão graves que “eu perdia o fôlego, meu rosto e unhas assumiam uma cor roxa, meus membros ficavam rígidos e eu não conseguia me mover nem falar.” Em mais de uma ocasião, as irmãs e o capelão pensaram que ela poderia morrer.

“Eu nunca fui capaz de andar rápido, levantar algo pesado, ficar em uma multidão ou em uma sala fechada”, disse ela. “Esforçar-me de qualquer forma me provocaria um ataque.” Seu médico dizia desde o início que a Irmã Lioba sofria de um coração dilatado e com vazamento, uma condição incurável.

Na primavera de 1923, as irmãs receberam permissão para fazer estudos de verão na Universidade de Notre Dame, e a Irmã Lioba queria participar para começar a estudar para seu mestrado em matemática. Sua supervisora era contra a ideia por causa da grave condição cardíaca da Irmã Lioba. O médico da Irmã Lioba, no entanto, disse à supervisora para deixá-la ir, explicando que “ela pode morrer tão feliz em Notre Dame quanto aqui em Covington.”

“Um dia antes de partir para Notre Dame, a Irmã Lioba teve um ataque severo, mas chegou em segurança à

Universidade. Exausta, ela foi levada para ver o Ir. Columba na Casa Comunitária.

“Nunca esquecerei o incidente”, disse ela. “O Ir. Columba disse: ‘Tenha coragem, Irmã. Se você puder confiar no Sagrado Coração, o Sagrado Coração irá curá-la.’ Então ele entrou na casa, trouxe alguns distintivos do Sagrado Coração. Ele me deu dois. Então ele fez o sinal da cruz com um distintivo do Sagrado Coração sobre meu coração, rezando: ‘Sagrado Coração de Jesus, eu confio em Ti.’ Ele me ordenou que usasse o distintivo e repetisse a oração acima cinco vezes ao dia. Daquele momento até agora [1926] nunca mais tive outro ataque.”

A Irmã Lioba, de quarenta e quatro anos, viveu para ser eleita a quarta supervisora de seu monastério em 1931, e retornou a Notre Dame em 1936 para contar sobre sua cura à comunidade da Santa Cruz. Ela morreu em 1951, aos 70 anos, após uma carreira acadêmica impressionante.

Uma Morte Comovente

Cinco meses depois que a Irmã Lioba recuperou a saúde, o Irmão Columba morreu em 20 de novembro de 1923, devido a complicações da gripe espanhola que ele havia contraído em 1918.

A notícia de sua morte se espalhou rapidamente por South Bend e além. Em uma carta informando os membros da Congregação em South Bend sobre a morte do Ir. Columba, o Ir. Isidore Alderton, C.S.C., superior religioso assistente da Casa Comunitária, descreveu os eventos de 20 a 22 de novembro de 1923:

Sinto que é meu dever escrever a vocês sobre as últimas horas do nosso Santo Irmão Columba e os eventos dos últimos dois dias. Sua morte foi muito pacífica. Nossos homens se revezaram para vigiá-lo por várias noites. Conforme eu ia lá dia após dia, era fácil ver que ele estava indo embora gradualmente. Nos últimos três dias, ele foi muito rápido. O Padre Gallagher [seu superior religioso] trouxe-lhe a Comunhão na terça-feira de manhã e estava segurando a Hóstia erguida sobre ele no alto quando ele faleceu. Seus lábios estavam muito fechados para lhe dar a comunhão. Ele estava consciente até o último momento, nunca reclamou, nunca pediu nada, exceto o necessário.

A notícia de sua morte logo se espalhou para as pessoas em South Bend e arredores e dezenas de membros da comunidade, moradores e estranhos estavam lá para ver o corpo antes mesmo de ele estar no caixão. Nos últimos dois dias e noites, a sala

da Casa Comunitária tornou-se um verdadeiro santuário. Ele parecia tão pacífico, tão feliz, que era difícil fazer orações por ele, e estou convencido de que milhares de petições foram feitas a ele, e apenas centenas foram feitas por ele.

Os membros da comunidade estavam todos lá, as irmãs de St. Mary's, da cozinha, do hospital, das escolas. Todos que conseguiam andar ou cavalgar estavam ao redor de seu caixão. Os professores da faculdade, alunos e estranhos todos fizeram sua peregrinação. Era preciso esperar na fila pela sua vez de entrar na sala, a fim de chegar perto dos restos mortais. Eles vieram com suas contas, seus distintivos, suas medalhas, cartões e todos foram aplicados em suas mãos e rosto. Os altos e os baixos, os ricos e os pobres, os cultos e os incultos, todos se tornaram como crianças em sua presença. Ninguém entrou e saiu sem carregar algum artefato precioso que para eles se tornou um verdadeiro tesouro, porque tocou o corpo de um dos santos de Deus. ...

O que pode ser dito do funeral? Foi um funeral comunitário, tão grandioso quanto possível, com visitantes da vizinhança e até mesmo de partes distantes. Ver homens como o Padre Bolger, o Padre Haggerty, o Padre Hugh O'Donnell irem em frente e

colocarem suas contas em suas mãos murchas convenceria um homem de que aqui estava algo além do poder do homem descrever. Membros de Moreau, do Seminário, do Noviciado e de Dujarié, todos eles têm seus tesouros hoje e todos têm outros para enviar aos seus pais.

O mundo e os estrangeiros estavam ansiosos para ouvir sobre os milagres, mas me pareceu que os membros da comunidade pouco pensavam nessas coisas durante esses dias. Eles meditaram sobre sua vida; levaram em conta os sacrifícios que ele havia feito, o exemplo de humildade, amor ao próximo, confiança em Deus, fé viva, devoção ao Sagrado Coração, vida de oração, de pobreza, etc., e todos perceberam que neles estava encontrado o segredo de sua santidade.

Seus restos mortais foram transportados para a terra, mas não há dúvida de que sua obra continuará. Se, em sua vida, ele foi poderoso em obter assistência para nós, o que pode ser dito de seu poder esta noite quando ele está descansando perto do Sagrado Coração de Nosso Divino Senhor? Ele passou sua vida promovendo essa devoção ao Sagrado Coração. O Sagrado Coração tem sido muito bom para nós como comunidade e como

membros individuais, e agora nos resta apenas aumentar essa devoção em nós mesmos e espalhar a mesma para aqueles sob nossa responsabilidade.

Pertencente ao Sagrado Coração,

Irmão Isidore.

Em seu sermão na missa fúnebre do Irmão Columba, em 23 de novembro de 1923, o Irmão Charles O'Donnell, C.S.C. pregou: "Ele promoveu forte e ativamente a devoção ao Sagrado Coração, uma devoção que anos atrás não tinha o favor geral que tem agora. Seus esforços foram coroados com um sucesso peculiar. Ele viveu para ver toda Notre Dame ser um santuário para o Sagrado Coração." O Irmão Columba, com simplicidade, umor dose de humor e humildade, resumiu sua vida e o trabalho de sua vida de forma um pouco diferente de um de seus irmãos na comunidade nas semanas que antecederam sua morte: "Vou morrer um dia desses, e talvez eles coloquem algo no The Scholastic" (Jornal), disse ele. "Você pode dizer a eles para dizerem que havia um velho sapateiro em Notre Dame, e ele tinha uma devoção ao Sagrado Coração, e parece ter havido algumas curas."



Irmão Columba está enterrado
no Cemitério da Comunidade
Santa Cruz em Notre Dame,
Indiana

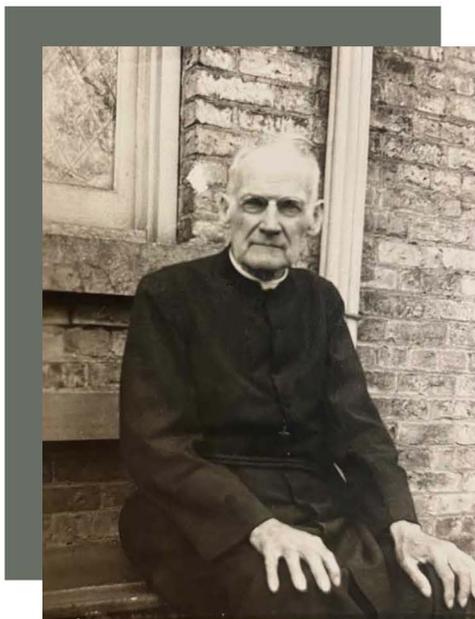
Homens Milagrosos de Santa Cruz

As palavras e o espírito do Irmão Columba ecoam claramente as do Beato Basil Moreau, que se referiu a si mesmo em várias ocasiões como apenas um “simples instrumento” nas mãos da Divina Providência. Ele havia dito a seus religiosos que seria

por meio de sua “generosa cooperação e fiel correspondência com a graça da vocação” que a Providência de Deus seria capaz de agir por meio deles. Sem dúvida, o Irmão Columba cooperou generosa e fielmente com a graça de Deus em sua vida e, assim, tornou-se um instrumento tão incrível nas mãos da Providência de Deus.

Nesse aspecto, e de muitas outras maneiras, a vida do Irmão Columba compartilhava muito em comum com a de seu irmão mais conhecido em Holy Cross, St. André Bessette, o Homem Milagroso de Montreal. Ambos nasceram com doenças que necessitaram de batismos de emergência e prenunciavam vidas marcadas pelo sofrimento físico. Ambos, quando jovens, passaram anos como trabalhadores itinerantes, viajando em busca de trabalho, mas, no final das contas - embora não sem algumas reviravoltas - descobrindo suas vocações. Ambos como Irmãos em Santa Cruz dedicaram a maior parte de suas vidas religiosas a ministérios humildes (Santo André como porteiro e Irmão Columba como sapateiro).

Ambos confrontaram suas limitações significativas com uma fé mais profunda, o que permitiu que Deus, em Sua graça, usasse essas mesmas limitações como fontes de Seu amor ilimitado por meio da intercessão de São José e do Sagrado Coração de Jesus.



Irmão Columba O'Neill, C.S.C.
1922

O Irmão Columba e Santo André provavelmente se conheceram em 1920, quando a Congregação realizou seu Capítulo Geral no campus da Universidade de Notre Dame. Enquanto estava no campus, Santo André, um delegado do Capítulo, ficou no Dujarié Hall, do outro lado do lago da Casa Comunitária onde o Irmão Columba morava. Embora não haja registro direto de tal encontro, o Irmão Columba certamente conhecia o Irmão André, tendo escrito a um amigo em 1912 que “temos um irmão no Canadá fazendo milagres [por meio] de São José.”

Entre os itens encontrados no quarto de Columba após sua morte está um solidéu preto. Era uma prática comum que os irmãos canadenses usassem tal chapéu, mas não era assim entre os irmãos americanos. Os dois irmãos poderiam ter trocado presentes?

Além de quaisquer presentes físicos que eles possam ter trocado, de longe o maior presente que o Irmão Columba e o Irmão André teriam compartilhado um com o outro foi sua profunda fé e confiança na cura de Deus. Amor misericordioso e como até mesmo as cruzes de suas vidas, e as vidas daqueles que eles conheceram poderiam ser vistas como um presente. Nessa fé, esses dois Irmãos de Santa Cruz eram verdadeiramente, nas palavras das Constituições da Congregação da Santa Cruz, “homens com esperança para trazer.”

Oração pela intercessão do Irmão Columba O'Neill, C.S.C.

*Ó Deus providente,
Nós Te agradecemos por nos dar a conhecer
o amor do Sagrado Coração de seu Filho, Jesus,
por meio da vida e ministério
de seu servo, Irmão Columba O'Neill.*

*Imploramos que muitas pessoas
possam conhecer e imitar
as virtudes desse humilde Irmão de Santa Cruz,
de modo que possam crescer
na fé, esperança e caridade.
Nós Te pedimos, por Tua intercessão,
a seguinte graça (faça seu pedido).*

*Esperamos que sua vida nos inspire
ao seguimento de Jesus,
que convida a cada pessoa: "Vem. Segue-me."
Nós Te pedimos por Cristo, Nosso Senhor.*

Amém.

Para comunicar uma graça recebida pela intercessão do irmão Columba O'Neill, ou de qualquer outro religioso de Santa Cruz, em processo de canonização, por favor envie um e-mail para saints@holycrossroma.org.



AMIGOS DE MOREAU
Volume 3

Congregação de Santa Cruz
Administração Geral
holycrosscongregation.org